

Retratos da violência na poética de Cláudia Roquette-Pinto

Vanessa Rodrigues de Moraes¹

Universidade de Brasília (UnB)

RESUMO: O presente artigo objetiva salientar aspectos da violência social e seus reflexos dentro da poética de Cláudia Roquette-Pinto, em específico em seu poema “Sítio”. Será abordado o modo com o qual a autora trabalha suas criações, e que resulta na classificação de suas obras como referência no âmbito da poesia contemporânea brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura contemporânea; violência urbana; crítica social.

Retracts of violence in the poetry of Claudia Roquette-Pinto

ABSTRACT: The present article aims to emphasize aspects of social violence and its effects in the poetry of Cláudia Roquette-Pinto, in special into her poem “Sítio”. It will be discussed the way that the author works her creations, which results in the classification of her artworks as a reference within contends about Brazilian contemporary poetry.

KEYWORDS: Contemporary literature; urban violence; social criticism.

¹ MORAIS, Vanessa Rodrigues de. Retratos da violência na poética de Cláudia Roquette-Pinto. 2014. 20 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português) - Universidade de Brasília: Brasília, 2014.

1. SOBRE A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA E DA POESIA

O homem desde os primórdios sente a necessidade de expressar seus sentimentos por meio das representações artísticas. Tais representações evoluíram junto com o pensamento humano, reforçando o caráter de humanidade, autenticidade e importância da subjetividade humana em cada período histórico e de acordo com o desenvolvimento intelectual alcançado.

A literatura, como representação artística, possui o caráter de proeminência diante das formas estéticas que perpassam o tempo, serve como um grande arquivo de conhecimento e vivências construídas pelo homem, tendo como peculiaridade o poder de manifestar-se sobre algo que não foi produzido ou sobre algo que pode ou não vir a acontecer, tornando-se importante fruto da compreensão humana sobre o meio em que a cerca, revelando a cultura de cada povo.

Nacionalmente, nossa literatura desempenhou diversos papéis durante os séculos até o momento atual. De início, a escrita tinha como função catalogar e informar sobre o novo mundo que estava sendo desbravado em meados dos anos 1500, descrevendo suas particularidades, seguindo depois com a missão de catequização e expansão dos ensinamentos praticados pela cultura cristã, sendo este um assunto polêmico entre os estudiosos ao se caracterizar o período como literário ou não, e por serem escritos feitos por portugueses sobre a natureza e o homem brasileiro.

No século XVII, seguindo moldes do colonizador europeu, tivemos manifestações poéticas no período Barroco, onde os primeiros ensejos de crítica sobre a cultura e sociedade brasileira começaram a apontar em poesias de autores como Gregório de Matos que desenvolveu poemas líricos, religiosos e satíricos.

Ao final do século XVIII e início do século XIX, as manifestações literárias se firmaram ligadas a questões políticas, como tendência cultural e ideológica de aspiração à independência da colônia em relação à metrópole colonizadora, denominada de estética do Arcadismo.

No desenrolar do século XIX, a literatura foi caracterizada como período do Romantismo, onde ocorreu maior difusão ao público, em poesias de cunho social, satírica, satânica e épica, traçando um panorama dos costumes e demonstrando o desenvolvimento do espírito crítico voltado para as contradições próprias da época. A importância deste período na literatura nacional é reafirmada por Antonio Candido, ao apontar que:

“Pela altura dos anos de 1950 e 1960, um fato importante foi a voga do romance, que serviu de instrumento para revelar o país através da descrição de lugares e modos de vida. Há o romance de costumes, de um realismo misturado ao destempero melodramático, ou atenuado pelo bom humor mediano”. (CANDIDO: 2010, p.55)

Acompanhando a periodização da literatura nacional, ao final do século XIX, com uma reação antirromântica, novas tendências inspiradas em modelos europeus ocorreram nos denominados Realismo e Naturalismo, que adaptaram à sociedade brasileira uma nova complexidade ideológica, apresentando um estímulo no olhar crítico e realista, e ligados a temas que expunham a pobreza, e a exploração geográfica e econômica, por exemplo.

Durante o mesmo período, coexistiram influências dos movimentos Parnasianismo e Simbolismo, ambos com pouca ou quase nenhuma desenvoltura sobre críticas sócio-políticas, atentaram-se mais para o esmero da linguagem e rebuscamento da escrita, com abundância em temas sentimentalistas, e em relação à forma pautados na busca de padrões da tradição classicista. Candido leva-nos a indagar se:

“A visão luxuosa dos parnasianos (...) representava para as classes dominantes uma espécie de correlativo da prosperidade material, e para o comum dos leitores, uma miragem compensadora que dava conforto.” (CANDIDO: 2010, p.73)

Com o advento do século XX, a literatura de cunho regionalista firmou-se ao destacar aspectos de culturas locais, do homem campestre, apresentando

aos leitores urbanos as diferenças no modo de falar e nos costumes deste novo sujeito, serviu para expor algumas contradições encontradas no país.

O movimento sociocultural modernista, que se consolidou nas primeiras décadas de 1.900, trouxe grande impacto em todas as produções artísticas, e principalmente na literatura. A partir de manifestações de resistência e de quebras de paradigmas, serviu de base na solidificação de uma nova identidade nacional, ressaltando as culturas populares e apresentando um aspecto diferente no tratamento da linguagem escrita, valorizando o uso coloquial da linguagem.

Como reflexo do desenvolvimento econômicos do país e de mudanças em sua estrutura social, tendo influência nos processo de industrialização e das novas relações de trabalho, a produção que se tem após a metade do século XIX desenvolve temas que expõe a decadência do homem que luta pela vida em meio à desordem social. A crítica permanece sobre a dualidade entre o desenvolvimento das cidades em contraste com o atraso de algumas localidades, há o amadurecimento do romance regionalista.

Os movimentos ocorridos durante a formação da literatura brasileira foram importantes para encontrarmos a configuração com a qual podemos deparar-nos atualmente.

A literatura segue assim como o homem uma evolução. Uma “vertente literária” que tem um aspecto diferencial é a “poesia,” a poesia expõe as individualidades, traz os reflexos da máxima humana, denuncia com voracidade, pode ser sutil, pode ser desencantadora ou a mais tenra forma de escrever. Para Paz: “A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de mudar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza (...) a poesia revela este mundo; cria outro.” (PAZ: 2012, p. 21)

O estudo da poesia contemporânea brasileira permite que sejam traçados novos significados sobre o modo em que vivemos, nos relacionamos e somos representados nas expressões artísticas, pois de acordo com Paz: “O poema não é uma forma literária, mas o ponto de encontro entre a poesia e o homem.” (PAZ: 2012, p. 22) . Dessa forma, a poesia é uma ponte literária que permite ao homem divagar e vivenciar outras realidades.

2. A AUTORA

Dentre muitos artistas da atualidade, contamos com o brilhantismo de Cláudia Roquette-Pinto, que trabalha em poemas sem versos e em versos livres, sua poética segue uma diversidade temática fecunda em ideias e expressões.

Oriunda da cidade do Rio de Janeiro, Cláudia Roquette-Pinto, nascida em agosto de 1963, formou-se no campo da literatura na Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC)-RJ, expondo seu talento no início da década de 1990, ao apresentar uma nova modelagem do fazer poético, vindo gradativamente a cada obra produzida a fortalecer-se como expoente na poesia contemporânea nacional.

Com cinco livros publicados, sua estreia ocorreu com *Os dias Gagos* (1991), seguindo-se dos aclamados *Saxífraga* (1993), *Zona de Sombra* (1997), *Corola* (2000) e *Margem de Manobra* (2006), além da obra infanto-juvenil *Botoque e Jaguar – A Origem do Fogo* (2011). Como resultado de sua competência possui vários de seus poemas difundidos em antologias poéticas, representativos do momento atual da literatura brasileira.

Acerca das características de sua obra, Cláudia Roquette-Pinto apresenta notável leveza poética, com muitas indagações e dilemas sensório-perceptivos. Ao realizar um estudo sobre sua poética, a pesquisadora e doutora em literatura Fabiane Renata Borsato elucida características de sua produção demarcando marcas importantes na técnica da escrita de Cláudia, em suas palavras:

[...] dois elementos importantes e recorrentes na poesia de Claudia Roquette-Pinto, a espacialidade e a temporalidade, anunciadas desde a primeira obra como agentes capazes de gerar dor, silêncio, perdas e uma escrita limítrofe porque feita no intervalo espaço-temporal. (ROQUETTE-PINTO: 2000, p.37)

A autora desenvolve um trabalho sobre ritmo, rima e aliteração agregando bastante musicalidade. A leitura de seus poemas ocorre de forma dinâmica, além de trabalhar com maestria sob recursos metafóricos. Suas

temáticas perpassam vários assuntos, que vão desde questões sobre a feminilidade, às relações com o corpo, ao relato do cotidiano. Por vezes há um desencanto em seu olhar poético e em algumas de suas poesias demonstra muita perspicácia ao expor problemas sérios da sociedade, abordando também a violência e a banalização desta que se explicita por meio dos poemas de Pinto.

A autora apresenta também um erotismo pungente, que nas palavras dos literatos lumina M.Simon e Vinicius Dantas ao analisarem Corola, poema que se encontra em seu livro de mesmo nome lançado no ano de 2000, Cláudia expressa desmoronamentos internos e externos à sua sensibilidade criando uma atmosfera intensa entre um sensualismo masoquista e uma sexualidade contida, no entanto até mesmo nessas situações de furor sexual a autora demonstra indiferença, certo tédio e até mesmo passividade em situações que vão de choros calados a gritos incontidos

Novamente Simon destaca outra característica marcante ao afirmar que este reflexo em sua poesia é como se Cláudia:

[...] estivesse buscando técnicas para expor o custo físico e emocional de sobreviver no inferno da violência urbana, que não é diretamente nomeado, mas figurado em muitas variações de aflição, pânico, insegurança e asfixia. (SIMON, 2009, p.138)

Destacando a autenticidade da sensibilidade criadora de Cláudia, o ensaísta Castro afirma que a autora: “[...] revela um profundo trânsito criativo que nasce de seu alto grau de lirismo. É uma poetisa que fixa seu olhar no mundo e nas transformações tanto fora como dentro de si mesma” (CASTRO: 2011, p.162). Para tanto a autora traz uma dualidade entre o real e o ficcional, uma certa inalterabilidade psíquica diante de situações de extrema violência.

Tais citações servem para elucidar sua poética, pois ela apresenta uma contraposição de sensações. A autora perpassa entre cenas cotidianas e várias formas de violência e degradação humana, seja sobre a violência física, seja sobre a psicológica. Dentre algumas características descritas, e que são

parte de sua produção, o que costuma surpreender é a naturalidade com a qual o olhar poético transmuta a violência do meio em que vive diretamente para suas obras.

Como poeta contemporânea, a autora insere em suas poesias elementos que são advindos das outras artes, como a pintura a escultura e até mesmo das artes visuais como o cinema e a fotografia. É possível perceber em várias de suas criações uma forte multidisciplinaridade com as outras expressões artísticas e o diálogo com nomes famosos expoentes das outras vertentes, através de citações e menções diretas, quase como uma homenagem, o que nos permite observar o apanhado cultural que serve de inspiração da artista, e que ajudam a moldar sua forma de atuação na literatura atual.

Seu poema “Sítio”, que introduz ao leitor sua poesia do livro *Margem de Manobra* lançado em 2006, configura um belo exemplo no qual Cláudia Roquette-Pinto trabalha a linguagem em rimas e aliterações, apresentando uma dinâmica das artes contemporâneas, fazendo com que seu receptor sintase imerso em um cenário urbano desolador, e presencie um acontecimento de violência gratuita, que tem como intenção levar o leitor a uma reflexão sobre o caos presenciado dia-a-dia.

De maneira atônita a autora descreve uma violência intensa. Entre o seu distanciamento e toda a violência que “pulsa” em sua poesia, Cláudia Roquette-Pinto apresenta um modo inovador de criticar as desigualdades sociais, com o trabalho na sensibilidade poética e denúncia das mazelas, principalmente, um retrato de condições precárias na favela e no morro. A autora perfaz um caminho entre a vida cotidiana no morro e uma violência que se apresenta de forma “instantânea,” o que choca é a forma como se exime de julgamentos sobre o que está sendo explanado e como se demonstra resoluta diante de situações que amedrontam.

A vida urbana, testemunha aas diferenças e contrastes sociais, a inserção da cidade como elemento na literatura é reflexo da estrutura desenvolvida em nossa sociedade e carrega em sua formação a violência como parte constitutiva, segundo Gomes:

A cidade se mostra para seus habitantes, é o reflexo de nossas ações, um espetáculo da civilização em sua história e sua atualidade, determina nosso cotidiano e dá forma aos nossos quadros de vida, é nosso presente turbulento e nossos velhos medos. (GOMES:1999, p. 20)

A violência é um elemento que está sempre presente nas expressões artísticas, vindo a ser bastante utilizada por artistas contemporâneos, em poesias, fotografias, pinturas, vídeos e alguns filmes atuais em que se destaca o papel da violência, do sofrimento causado pela morte e pelo medo, e da guerra civil, onde abusa-se da fórmula polícia, bandido, tráfico, favela, hostilidade, para se conseguir a simpatia dos espectadores.

Facilmente nos deparamos com telenovelas diárias e programas de jornalismo sensacionalistas que se alimentam do tópico, que incessantemente buscam eventos trágicos, onde o tema é explorado ao extremo e das mais variadas formas, como se o público não já estivesse saturado inclusive com a violência que sofre na vida real. A verdade é que a tirania cai no gosto popular, tornando-se assunto de curiosidade, traz à tona os sentimentos mais primitivos e animais que carregamos intimamente, e reforça o sentimento inerente ao homem que é a agressividade, e o instinto de sobrevivência.

Na música também é possível nos depararmos com canções de letras bem trabalhadas, onde os compositores aproveitam para desenvolver letras de protesto, de denúncia e indignação com as desigualdades sociais, com a violência e corrupção, que encontramos em nosso país.

Surgindo a oportunidade e havendo uma sensibilidade no trabalho intelectual sobre este assunto, alguns artistas aproveitam para ampliar na mídia, duras críticas acerca da sociedade desumana que nos cerca, exegeses que muitas das vezes passam despercebidas pela visão daquele que busca apenas entretenimento barato, e se omitem de refletir sobre o tema.

Para o professor de literatura da PUC-RJ, Karl Erik Schollhammer, o objetivo principal nas expressões artísticas, na literatura, que imprimem assuntos sobre a violência, se reside no fascínio e nos enigmas causados por ela “tanto na dor quanto na brutalidade cega e irracional do ato violento, e a

expressão torna-se uma maneira de se aproximar da violência e ao mesmo tempo de se proteger dela”. (SCHOLLHAMMER, 2013 p. 8).

3. IMPLICAÇÕES DO POEMA: “SÍTIO”

A princípio, percebemos no poema de Cláudia em questão, a dualidade em que no momento que lemos “Sítio”, nos vemos distantes da poesia, e aos poucos sendo ambientados, transportados e inseridos nas cenas criadas, experimentando seu caráter de poesia sensorial.

Acreditando-se na existência da sensatez, é possível afirmar que grande parte das pessoas não gostaria de testemunhar a morte do menino (que ocorre ao final do texto), pois fugimos de situações traumáticas como esta, no entanto nos aproximamos da barbárie, visto que em nossa realidade presenciamos a todo o momento a relatos cotidianos, notícias e momentos trágicos, problemas emergentes do estado de violência urbana ao qual somos impelidos a conviver.

Tal qual se pode observar no poema Sítio, as dinâmicas criadas por Cláudia ressaltam o que acontece em nossa sociedade, principalmente no âmbito de muitas metrópoles, a violência é quase uma entidade, muito temida e permeável. Schollhammer discorre que: “Desejemos ou não, respiramos violência por todos os poros na cidade. É uma realidade terrível e ao mesmo tempo uma densa argamassa que aglutina a comunidade”.

Sítio

O morro está pegando fogo.
O ar incômodo, grosso,
faz do menor movimento um esforço,
como andar sob outra atmosfera,
entre panos úmidos, mudos,
num caldo sujo de claras em neve.

Logo no início do poema há a integração, a autora nos coloca em observação de um morro, não qualquer morro, porém este está em fogo o que remete caos e violência, favela, e como se em um misto de realidade e sonho logo ocorre um desajuste, pois o ar é causa de mal-estar, e faz com que o sentimento de realidade seja apartado.

Na fuga destas realidades, surge a sensação de se estar em outra atmosfera, o caminhar se torna pesado e desmotivado. Em “panos úmidos, mudos,/ num caldo sujo de claras de neve”, Cláudia se serve de figuras de linguagem quando coloca o objeto “panos úmidos, mudos” numa referência às pessoas que, impotentes, observam o morro pegar fogo.

Acompanhando os próximos versos da poesia:

Os carros, no viaduto,
engatam sua centopéia:
olhos acesos, suor de diesel,
ruído motor, desespero surdo.
O sol devia estar se pondo, agora
_ mas como confirmar sua trajetória
debaixo desta cúpula de pó,
este céu invertido?

Neste trecho Roquette-Pinto traça uma configuração urbana, a qual conhecemos bem pelo horário do “rush”, os olhos acesos são os carros com seus motoristas anônimos suando diesel no engarrafamento, que preparam-se para a noite que chega, num ambiente não muito agradável podemos sentir a metrópole que fervilha, pessoas que voltam de seus trabalhos para a segurança do lar, tramitam como um só ser por entre poluição e desespero, e experimentam sentimentos de cansaço e agonia, diante de uma situação da qual não há escapatória.

Para o pesquisador em literatura Castro:

Claudia Roquette-Pinto vai além dos extramuros de uma perfeita descrição do real. Ela Utiliza-se de um sujeito poético que demonstra

a dura e patética vivência de uma realidade (tiros pela madrugada) que, muitas das vezes, termina em tragédia (que a bala varou sua cabeça?). (CASTRO: 2011, p.163)

O autor ressalta seu pensamento e se relaciona com o posicionamento de Cláudia Roquette-Pinto ao escrever que o artista contemporâneo: “Além do mais, observa que o dia-a-dia do eu poético é empregado como temática para metaforizar a vida e expressá-la como plano existencial.” (CASTRO: 2011, p.163), destacando que o este assume uma posição frente ao momento atual, a contemporaneidade que vivemos, e vivendo no incômodo que é expresso em sua arte com a simbolização de medos e temores, e em suas paranoias e fobias, sentimentos universais atrelados à experimentação da violência em suas diversas formas.

De acordo com a literata e pesquisadora da poesia contemporânea brasileira, Sylvia Helena Cyntrão, “Não por acaso, a contemporaneidade pode também ser descrita assim, como sendo um espaço em que os universais são profundamente questionados, cedendo espaço às particularidades.” (CYNTRÃO: 2008, p.85). Cláudia Roquette-Pinto aproveita para expor sentimentos de fragilidade e tensão, a partir de sua aguçada percepção de algo que não está certo, e que choca conforme trabalhou esta intenção em seu poema, como forma de crítica.

José Ortega y Gasset jornalista e filósofo espanhol, em seu livro *A desumanização da arte* afirma que “o objeto artístico só é artístico na medida em que não é real” (ORTEGA Y GASSET: 2008 p.27), esse pensamento convida a ver além da emoção e do sofrimento que abala o personagem do poema, mas sim deter a atenção no trabalho com o jogo de palavras que permitem ao leitor sentir-se submerso na tensão causada pelo conteúdo apresentado, técnicas que Cláudia desenvolve suas ideias para conquistar uma aproximação o leitor com a crítica social que faz, causando choque e reflexão.

Sua defesa do elemento artístico é compartilhada também pelo filósofo alemão Theodor W. Adorno, quando este palestra sobre as relações entre lírica e sociedade, para ele:

“A referência ao social não deve levar para fora da obra de arte, mas sim levar mais fundo para dentro dela, É isso o que se deve esperar, e até a mais simples reflexão caminha nesse sentido. Pois o teor [Gehalt] de um poema não é a mera expressão de emoções e experiências individuais. Pelo contrário, estas só se tornam artísticas quando, justamente em virtude da especificação que adquirem ao ganhar forma estética, conquistam sua participação no universal. Não que aquilo que o poema lírico exprime tenha de ser imediatamente o que todos vivenciam.” (ADORNO:2003, pg. 66)

Seguindo a análise do poema, nos deparamos com o presságio da morte, num movimento de deslocação e aproximação, o mar longe não agrega conforto, enquanto o cachorro em estado desprezível chega-se até a porta do lar para morrer, evidenciados conforme segue:

Olhar o mar não traz nenhum consolo
(se ele é um cachorro imenso, trêmulo,
vomitando uma espuma de bile,
e vem acabar de morrer na nossa porta).

Para completar, na análise feita por Simon, percebemos que a morte ronda, e dela não se pode escapar, o cachorro sofre, e o que se é permitido fazer é apenas a observação de sua agonia.

O acontecimento é narrado como um fenômeno natural, atmosférico ou climático, inclusive pelo uso de prosopopeias alucinadas de predileção da autora, como se lê no quinto bloco: o mar, que aí não se abre para horizonte algum, é representado como um cachorro hidrófobo em convulsões de espuma, sempre à beira da morte. A desordem é acompanhada pela natureza, como se a premonição de morte fosse aos poucos engendrada pela própria paisagem, naquele sítio. (SIMON: 2008, p.157)

No desenvolvimento do poema até o momento, podemos perceber a forte marcação de ritmo feito pela autora. Utilizando-se da mescla na

sonoridade dos fonemas /f/ /n/ /s/ /z/ e /t/, que perduram até o final de todo o texto, projeta no leitor a sensação de aderência, de apatia, e fragmentação, exaltando uma respiração cansada e entrecortada pelo torpor e confusão da cidade.

Outro artifício o qual a autora inclui em sua poesia, é o recurso da anfibologia, apresentando palavras que podem deter ao texto diferentes significados, a começar pela análise do título, o sítio pode referir-se a certa localidade delimitada, como também para um estado de espírito que se revela num sentimento de clausura e aprisionamento, o que remete ao olha de vigilância e medo. Em se tratando deste recurso para o professor literário e ensaísta da PUC-RIO, Britto, um dos diferenciais que Cláudia apresenta é a polissemia, conforme escreve em seu ensaio sobre a autora, destacando que:

A polissemia — que começa com o título, o qual aponta para “lugar”, “chácara”, “cerco antes de um ataque militar” e “estado de sítio” — e as imagens impactantes do poema, que animalizam seres inanimados — o “suor /de diesel” dos ônibus e caminhões, “o mar que” é um cachorro imenso, trêmulo / vomitando essa espuma de bile “que vem acabar de morrer na nossa porta”, culminando com a transformação em bicho da bala que vara a cabeça do menino no verso final. (BRITTO: 2010, p. 17)

Para o crítico, Cláudia Roquette-Pinto, possui como particularidade, que é atributo compartilhado de sua geração a oposição a espontaneidade confessional na poesia contemporânea e: (...) o caráter essencialmente construído e pensado de sua poesia, sua condição assumida de obra elaborada por alguém que conhece os recursos de sua arte e os utiliza de modo consciente. (BRITTO: 2010, p.01)

Dito isso, é importante afirmar que Claudia, mesmo sendo uma artista que criou um estilo todo seu, é também um produto de seu tempo e lugar, uma poeta de sua geração. Como já foi observado, a recusa do confessionalismo associada à disposição de trabalhar com a emoção, o apreço pela forma que não redunde em formalismo. (BRITTO: 2010, p.3)

Britto nos revela que desde a estréia Roquette-Pinto obteve destaque na cena literária nacional, conforme escreveu que:

Sua publicação inicial (na revista Inimigo Rumor, em maio de 2001) causou, nos meios literários, o tipo de impacto que hoje em dia é às vezes provocado por uma obra de ficção em prosa ou um filme, mas raramente por um livro de poesia, e mais raramente ainda por um poema individual. (BRITTO 2010, p.16)

O apontamento de Britto realça o cuidado que Cláudia possui ao escolher bem o encaixe das palavras e o uso dos signos em suas criações, vincula-se ao que defende Octávio Paz (intelectual mexicano) em seu aclamado livro *O Arco e a Lira*, onde trata da arte poética. Ao escrever sobre o ritmo na poesia, afirma que:

Não há cores nem sons em si, desprovidos de significação: tocados pela mão do homem, eles mudam de natureza e adentram o mundo das obras. E todas as obras desembocam no significado; o que o homem toca se tingem de intencionalidade: é um ir para... O mundo do homem é o mundo do sentido. Ele tolera a ambiguidade, a contradição, a loucura ou o embuste, não a carência de sentido. (PAZ: 2012, p.27)

Além disso, a poesia lírica traz uma nova possibilidade de relação semântica, pois apresenta um vínculo sensorial, o que faz com que o autor tenha como leque uma disponibilidade de amplas significações, segundo Paz: “Cada palavra – além de suas propriedades físicas – contém uma pluralidade de sentidos.” (PAZ: 2012, p.29). Cláudia serve-se de aliterações, rimas e ritmos usados como instrumentos que fazem com que tenhamos uma experiência sensorial, e, essa elaboração é intencional. O som ambienta o leitor e aproxima do que a autora quer transmitir, criando uma experiência inovadora.

Conforme a noite chega, carrega junto dela a sombra e a escuridão, estas que não somente atreladas a questão temporal, mas que dia-a-dia cumprem seu papel de trazer aspereza à sensibilidade, Cláudia Roquette-Pinto insere características humanas na paisagem, e dota de elementos humanos as

margaridas e as rosas, que passam a ter olhos e coração enquanto imóveis observam o burburinho. Elementos da natureza são recorrentes em muitas de suas obras.

Uma penugem antagonista
deitou nas folhas dos crisântemos
e vai escurecendo, dia-a-dia,
os olhos das margaridas,
o coração das rosas.

Dando andamento ao poema:

De madrugada,
muda na caixa refrigerada,
a carga de agulhas cai queimando
tímpanos, pálpebras:

Cláudia desvela a imagem de mais uma cena atordoante, tarde da noite, o morro ainda em guerra, pega fogo, e /a carga de agulhas cai queimando/ – projéteis perfurantes e mortais atingem aos residentes, escancarando a violência urbana e se impondo ser observada e ouvida pelas pálpebras, e pelos tímpanos daqueles que vivem em estado de sítio, afligidos pela cena, não há escapatória para esse comportamento.

O menino brincando na varanda.
Dizem que ele não percebeu.
De outro modo poderia ainda
ter virado o rosto: "Pai!
acho que um bicho me mordeu!" assim
que a bala varou sua cabeça?

No desfecho do poema ocorre o momento de perplexidade, a bala perdida partida não se sabe de quem, mas oriunda da cidade, atinge a cabeça de um menino, que inocentemente brincava na varanda de sua casa, na proteção do lar. A violência urbana é esmagadora e rompe qualquer barreira não escolhendo seus destinos, todos estão sujeitos à barbárie, homens e mulheres, jovens, idosos, crianças, gestantes. Uma crítica árdua, porém muito real, apontada pela sensibilidade da poeta, chega a comover quem a lê.

Conforme relata Simon, é o menino, talvez devido à ingenuidade pueril, o único representado no poema, que não percebe o estado hostil a sua volta, e que, portanto não vive com esse sentimento de aprisionamento, medo e paranoia, numa cidade sitiada pela brutalidade.

No tocante da comoção do leitor, que se sensibiliza com a barbárie banalizada tirando a vida de uma pobre criança, Schollhammer afirma que sobre a retratação da violência na literatura:

[...] de um lado haveria a brutalidade do realismo urbano e marginal, que assume seu desgarramento contemporâneo e de outro lado a graça dos universos íntimos e sensíveis que apostam na procura da epifania e na pequena história inspirada no cotidiano de cada um. (SCHOLLHAMMER: 2013, p. 323)

É o mesmo autor que em sua obra belíssima, intitulada *Cena do Crime*, escreve sobre a estética do trauma, artifícios utilizados por Cláudia em suas produções são perfeitamente enquadrados nessa concepção, ao leitor caberá espantar-se e depois sentir em seu âmago a crítica feroz, sobre acontecimentos que de tão banalizados, passam até como naturalidade aos olhos das pessoas, residindo então na capacidade reflexiva da arte literária.

A estética do trauma certamente se identifica com uma arte e uma literatura que radicalizam o efeito chocante e que, ao ativar o poder estético negativo, procuram romper a anestesia cultural da realidade espetacular, propondo um choque do real, que já não pode ser intrigado ou absorvido no próprio espetáculo. (SCHOLLHAMMER: 2013, p. 35)

A observação de Schollhammer concatena com o que o intelectual José Ortega y Gasset aponta, ao discursar sobre o afastamento enorme daquela dolorosa realidade que aproxima para afastar, no campo fenomenológico, em se tratando da realidade vivida versus a realidade contemplada, conforme expõe que:

Falar com clareza de uma escala de distâncias espirituais entre a realidade e nós. Nossas escalas, os graus de proximidade equivalem a graus de participação sentimental nos acontecimentos: os graus de distanciamento, pelo contrário, significam graus de libertação em que objetivamos o acontecimento real, transformando-o em puro tema de contemplação. (ORTEGA Y GASSET: 2008, p. 27)

A crítica elaborada por Cláudia Roquette-Pinto em “Sítio” permite ao leitor a reflexão sobre o delicado tema que é a violência. Em sua escrita que mistura sensações que confundem o leitor em sua consciência e inconsciência, consegue de forma inovadora trabalhar a linguagem literária, usando-se de artifícios sensório-perceptivos.

Com a produção de forma de escrever sutil e ao mesmo tempo desconcertante, agrega à poesia atual um perfeito exemplar de como a arte literária, pode sim fazer com que o leitor sintam-se surpreendido e angustiado com o que lê. Há o movimento de contemplação e consternação diante daquilo que se lê, seguindo-se imediatamente de uma vontade de fuga da veracidade dos fatos que ao mesmo tempo instiga o anseio de mudar essa triste realidade, que provoca em seu receptor um “despertar”, convida-o a sair de sua anestesia, a despertar também a sua capacidade crítica.

O estudo da poética de Cláudia Roquette-Pinto revela a competência da autora em se consolidar como expoente da literatura contemporânea nacional, ao permitir que envoltos nos mais variados assuntos, características de tópicos por vezes considerados como marginalidades urbanas, obtenham destaque na lírica voltada para o cunho social, demonstrando maturidade na forma de expressar e polemizar tema tão generalizado nos meios de produção artística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W., 1903-1969. *Notas de literatura I* / Theodor W. Adorno; tradução e apresentação de Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003. 176 p. (Coleção Espírito Crítico)

BORSATO, Fabiane Renata. Artigo Solidão de Náufrago: A Poética de Cláudia Roquette-Pinto nos Jardins de Corola. *Revista de Letras*. São Paulo: 2011. Disponível em: < <http://seer.fclar.unesp.br/letras/article/view/5720>> Visualizado em: 21/5/2014

BRITTO, Paulo Henriques. *Ciranda Poesia*. CRP por Paulo Henriques Britto-Rio de Janeiro: 2010.

CANDIDO, Antonio, 1918 – *Iniciação à literatura brasileira*. Antônio Candido. 6ª edição. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul: 2010.

CASTRO, Junior César Ferreira de. *Revista do Mestrado em Letras Linguagem, Discurso e Cultura – UNINCOR. Em Busca dos Parâmetros Críticos na poesia Lírica Contemporânea: Diálogo entre Brasil e Portugal*. Vale do Rio Verde: 2011. Disponível em: <[file:///C:/Users/cliente/Downloads/Dialnet-EmBuscaDosParametrosCriticosNaPoesiaLiricaContempo-3873751%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/cliente/Downloads/Dialnet-EmBuscaDosParametrosCriticosNaPoesiaLiricaContempo-3873751%20(1).pdf)>

Visualizado em: 16/6/2014.

CYNTRÃO, Sylvia Helena .Artigo - O lugar da poesia brasileira contemporânea: um mapa da produção . *Ipotesi*, Juiz de Fora, v. 12, n. 2: 2008. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/04/8-O-lugar-da-poesia-brasileira-contempor%C3%A2nea-um-mapa-da-produ%C3%A7%C3%A3o.pdf>

Visualizado em: 02/06/2014

DALCASTAGNÈ, Regina. – “Sombras da cidade: o espaço na narrativa brasileira contemporânea”. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, nº 21. Brasília 2003. Disponível em:

<http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/9619/1/ARTIGO_SombrasCidadesEspa%C3%A7o.pdf>

Visualizado em: 21/5/2014.

GOMES, Renato Cordeiro. – “A cidade, a literatura, e os problemas culturais: do tema ao problema”. *Ipotesi*, Juiz de Fora, v. 03, n. 2: 1999. Disponível em:

<<http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2009/12/A-CIDADE-A-LITERATURA-E-OS-ESTUDOS1.pdf>>

Visualizado em: 21/05/2014

ORTEGA Y GASSET, José, 1883-1955, *A desumanização da arte/ José Ortega y Gasset*; tradução de Ricardo Araújo; revisão técnica da tradução Vicente Cechelero. – 6.ed.-São Paulo: Cortez, 2008.-(Biblioteca da Educação. Série 7. Arte e cultura; v.2)

PAZ, Octavio [1914-1998]. *O Arco e a Lira*: Octavio Paz. Título Original: *El arco e la lira*. Tradução: Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify: 2012.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Cena do crime: violência e realismo no Brasil contemporâneo*.-1.ed. – Rio de Janeiro: José Olympio: 2013.

SIMON, Iumna Maria. —*Situação de sítioll*. *Novos Estudos CEBRAP*, v. 82, São Paulo: 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002008000300008&script=sci_arttext>

Visualizado em: 11/05/2014

SIMON, Iumna Maria; DANTAS, Vinicius. *Consistência de Corola*. *Novos Estudos CEBRAP* (Impresso), v. 85,. São Paulo: 2009. Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002008000300008&script=sci_arttext>

Visualizado em: 11/05/2014.